

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Eleição Presidencial Começa o teste

• Pode? Não pode? Estas são duas perguntas recorrentes no recém-aberto comitê de campanha de Fernando Henrique. Já candidato proclamado, ele começa amanhã uma maratona de viagens que o levará a seis cidades. Será programa de candidato ou de presidente? Oficialmente, cumprirá agenda administrativa de governante, mas, na prática, será muito difícil estabelecer limites entre os dois papéis que acumulará até outubro.

Ao argumentos levantados contra a não-desincompatibilização, na época em que se votou a emenda da reeleição, os governistas respondiam com o exemplo americano ou com a afirmação de que, fora do cargo, não se trataria de reeleição. Feito o jogo, as previsões de uma campanha marcada por intensas batalhas jurídicas — a judicialização da campanha, no dizer dos cientistas políticos — começaram a se confirmar.

No sábado, antes de ir às convenções aliadas, FH esteve como presidente em Rolândia (SP), para festejos dos 90 anos da imigração japonesa. Estava lá como presidente, mas foi tratado como candidato, não só por prefeitos e políticos, como também por populares, que queriam tocar nele ou vê-lo de perto. Sua própria assessoria voltou convencida de que será muito difícil separar as duas personalidades. Amanhã, por exemplo, ele vai inaugurar um conjunto habitacional para taxistas, financiado pela Caixa Econômica Federal com recursos do Carta de Crédito, programa do Brasil em Ação. Terá ao lado, como parceiro do projeto, o governador Mário Covas, também candidato. Na sexta-feira, visitará

obras de duplicação da BR-101 em Santa Catarina. Na segunda-feira, inaugura obras do Porto de Sepetiba, no Rio. O clima eleitoral certamente vai surgir. De inaugurar obras, será proibido depois do dia 6, mas será arriscado continuar fazendo “viagens administrativas”.

Seu comitê está tomando todos os cuidados. Há advogados atentos ao menor detalhe que possa gerar acusações e ações judiciais. O futuro do instituto da reeleição no Brasil dependerá muito desta primeira experiência e, sobretudo, do comportamento do primeiro presidente a vivê-la. Ele será o paradigma de governadores e prefeitos. A consciência de que não se pode “queimar o filme” do princípio da reeleição foi passada a cada funcionário do comitê, diz um de seus integrantes. Afinal, FH dizia que batalhava pela emenda não por si, mas pelo aperfeiçoamento do sistema político.

Mas a não-desincompatibilização muito provavelmente ainda será rediscutida. Um sinal é a tendência do governador Covas a se afastar do cargo. Alega não se sentir à vontade no duplo papel. Receia não fazer nem uma coisa nem outra direito.